CONSOSEPE
CONGRESSO ONLINE DA ADOLESCÊNCIA
ISBN: 978-65-86861-34-1

APRENDENDO A LIDAR COM A SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA EM UMA ABORDAGEM INTEGRATIVA: ESTAMOS PREPARADOS? RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Congresso Online de Adolescência da SOSEPE, 1ª edição, de 28/09/2020 a 01/10/2020
ISBN dos Anais: 978-65-86861-34-1

CONRADO; Gabriela Fernandes [1], TAKASU; Jessica Miwa [2], MIRANDA; Maikow Daniel de [3], HIRATA; Alexandre Massashi [4], REATO; Ligia de Fátima Nobrega [5]

RESUMO

Introdução: Em 2014, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Medicina definiu a importância do respeito à individualidade e à singularidade do ser humano, inclusive nas questões relacionadas a sexualidade; frequentemente marginalizadas e pouco abordadas no âmbito da educação em saúde. A formação médica está intrinsecamente alicerçada no ensino binário, de forma que a temática LGBTQIA+, pouco abordada, os torna invisíveis aos serviços de saúde, ou como desviantes da norma "padrão". **Objetivos:** Relatar caso de paciente homossexual feminina, atendida em serviço universitário de referência, salientando aspectos primordiais tanto para o acolhimento da paciente como para a formação de profissionais nesse tema pouco valorizado na formação médica. **Descrição da Experiência:** JODF, 18 anos, sexo feminino, vem à consulta para acompanhamento do transtorno de ansiedade. Relata alteração da dinâmica familiar devido à sua homossexualidade. Paciente referiu atividade sexual com mulher cisgênero sem uso de métodos de proteção. Por falta de conhecimento sobre sexo seguro entre pessoas com vagina, não foram passadas todas as orientações necessárias à paciente. Após o atendimento e a discussão com o residente de Medicina do Adolescente, percebeu-se quão falho é, ainda, o ensino médico sobre as particularidades da população LGBTQIA+, seja por preconceitos, tabus ou falta de conhecimento técnico. Foi fundamental, então, uma aula sobre o tema. Constatou-se que os alunos, em sua maioria, não eram capazes de orientar sobre o sexo seguro, questionar sobre atividades sexuais pregressas e a indicação de exames pertinentes como, por exemplo, o exame de colpocitologia. Não se atentaram ao fato de questionar sobre o uso de anticoncepcionais orais com o objetivo de regularizar ciclo menstrual, ou o de barreira, para não limitar as experiências sexuais dos pacientes. **Impactos da Experiência**: Moretti-Pires et al. (2017) sugere a hipótese de que o currículo médico, com suas falhas e defasagens, seja o cerne do preconceito contra diversidade sexual e de gênero entre estudantes de medicina. Na falta de informação e ignorância, o currículo médico contemporâneo não somente é omisso contra o preconceito sendo indiferente a temática, assim como, atua enquanto agente fomentador que acentua as atitudes preconceituosas. Atualmente, na experiência dos autores, há algumas iniciativas isoladas para minimizar o desconhecimento sobre o tema, por intermédios de aulas como disforia de gênero e reuniões de órgãos acadêmicos, como a IFMSA e a Liga de Hebiatria, foram conquistadas

[1] Faculdade de Medicina do ABC, gabiconrado@hotmail.com
[2] Faculdade de Medicina do ABC, jessica.takasu@gmail.com
[3] Faculdade de Medicina do ABC, maikowmiranda@gmail.com
[4] Faculdade de Medicina do ABC, alexandre.hirata@fmabc.net
[5] Faculdade de Medicina do ABC, ligiareato@uol.com.br

alguma familiaridade com o assunto. Todavia, ao atender essa paciente, homossexual, os estudantes perceberam o quanto ainda estão despreparados sobre essa temática. Até esse momento, nunca lhes foi exigido dar esclarecimentos para esse tipo de público, e agora, no internato, essa realidade mostrou o quanto estão desprovidos de fundamentos para lidar com a singularidade do ser humano. **Conclusão**: Os currículos previstos nas escolas de Medicina estão desatualizados e despreparados para ensinar sobre a assistência à saúde da comunidade LGBTQIA+. É fundamental que sejam promovidas ações estratégicas que norteiem as mudanças curriculares. Futuros profissionais da saúde devem estar aptos a conduzir o atendimento integral ao paciente e fornecer todas as informações necessárias, independente das orientações sexuais, garantindo-lhes o acesso ao bem-estar e à saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência, sexualidade, homossexualidade, atividade sexual

[1] Faculdade de Medicina do ABC, gabiconrado@hotmail.com
[2] Faculdade de Medicina do ABC, jessica.takasu@gmail.com
[3] Faculdade de Medicina do ABC, maikowmiranda@gmail.com
[4] Faculdade de Medicina do ABC, alexandre.hirata@fmabc.net
[5] Faculdade de Medicina do ABC, ligiareato@uol.com.br